

Da (as)simetria entre o corpo e a palavra: a testemunha e o testemunho no processo de construção de uma memória do/sobre o Holocausto

Of the (a)symmetry between the body and the word: witness and testimony in the process of building a memory of/about the Holocaust

Elivélton Assis Krümmel¹

Resumo

Nesta breve reflexão, objetivamos compreender os efeitos possíveis de (as)simetria entre o corpo e a palavra do sobrevivente do Holocausto e desenvolver algumas discussões que explicitem a importância da testemunha e do testemunho no processo de construção de uma memória do/sobre o acontecimento. Para tanto, filiados à Análise de Discurso Francesa, retomamos algumas questões que empreendemos em outros momentos (KRÜMMEL, 2019a, 2019b; KRÜMMEL; PETRI, 2020), a fim de destacarmos como os sobreviventes do Holocausto, na posição de testemunhas, quando narram sobre as experiências vividas, corroboram para a construção dessa memória que, no entanto, jamais poderá ser considerada como “completa” ou “verdadeira” (ROBIN, 2016). Entendemos que, ao instaurarem o seu lugar de legitimidade na/para a construção de uma memória (possível) do/sobre o Holocausto, a testemunha e o testemunho estão conjurados, significando juntos, apontando versões (ORLANDI, 1996). Assim, pela irrupção do passado no presente, que vem perturbar as aparentes regularizações, os “tempos desjuntados” não se acumulando, construindo uma narratividade nem sempre aceita, posto que colocam em cena corpos e palavras que testemunham, que perturbam a ordem, que propõem outras versões.

Palavras-chave: Corpo. Palavra. Sobrevivente do Holocausto. Testemunho. Testemunha

Abstract

In this brief reflection, we aim to understand the possible effects of (as) symmetry between the body and the word of the Holocaust survivor and to develop some discussions that explain the importance of the witness and the testimony in the process of building a memory of/about the event. To this end, affiliated with the French Discourse Analysis, we return to some questions that we have undertaken at other times (KRÜMMEL, 2019a, 2019b; KRÜMMEL; PETRI, 2020), in order to highlight how the Holocaust survivors, in the position of witnesses, when they narrate about the experiences lived, corroborate for the construction of this memory that, however, can never be considered as “complete” or “true” (ROBIN, 2016). We understand that, by establishing their place of legitimacy in/for the construction of a (possible) memory of/about the Holocaust, the witness and the testimony are conjured up, meaning together, pointing out versions (ORLANDI, 1996). Thus, due to the irruption of the past in the present, which disturbs the apparent regularizations, the “disjointed times” accumulate, building a narrative that is not always accepted, since they put bodies and words that testify, that disturb the order, that they propose other versions.

Keywords: Body. Word. Holocaust survivor. Testimony. Witness

Recebido em: 06/08/2020

Aceito em: 30/12/2020

¹ Doutorando em Estudos Linguísticos pela mesma instituição. É integrante do Grupo de Estudos Palavra, Língua e Discurso – PALLIND – e do Laboratório Corpus – Laboratório de Fontes de Estudos da Linguagem. É bolsista CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2344-4686>.

Eis o corpo... Eis a palavra... Eis a testemunha... Eis o testemunho...

Movimento no tempo e espaço, e movimento na identidade, afetando o corpo, o sujeito, os sentidos (ORLANDI, 2017, p. 89).

O que pode uma palavra? Pode ferir e pode curar! Tais efeitos de sentido da palavra sobre o sujeito se realizam pelo funcionamento da ideologia, de acordo com o direcionamento que os sentidos ganham (PETRI, 2020, p. 37).

Da (as)simetria entre o corpo e a palavra, na sua conjuração, explicitando como a testemunha e o testemunho significam, ao proporcionarem a construção de uma memória do/sobre o Holocausto, compreendemos como a voz, lançada do/pelo corpo, ecoa, produzindo efeitos de sentidos que agregam, no processo de construção dessa memória, as irregularidades próprias dessa possibilidade de edificação. Uma Torre de Babel² da memória do Holocausto, inalcançável, confundindo os sentidos, a(s) história(s), a(s) – outras – memória(s). Não desaba, mas aquilo que é próprio de sua materialidade escapa, desestabiliza, (des)constrói. Se a memória é, de certa forma, o que sustenta a edificação, ela está atrelada à escrita, ao testemunho, como “o traço da entrada no simbólico” (ORLANDI, 2008, p. 204) que, no entanto, não cessa de apontar outros caminhos de entrada, de observação, de trajetos de passagem – e de leitura.

Ao partirmos da constatação de que as testemunhas e testemunhos dos sobreviventes do Holocausto podem auxiliar na construção de uma memória acerca do acontecimento (KRÜMMEL; PETRI, 2020), concordamos com Robin (2016, p. 264) quando afirma que a memória é, pois, “um fenômeno complexo” e é necessário, “modestamente, fazer com que todas as vozes e todas as falas sejam ouvidas”. Acreditamos, também, juntamente com Robin (Ibidem, p. 264, grifo da autora), que “será preciso muito tempo antes de se poder escrever a ‘verdadeira história’ do passado”. E, acrescentamos: talvez isso seja inalcançável, conforme a própria autora parece apontar.

Consideramos que, em função das relações entre o espaço e tempo, e como incidem sobre a memória, jamais será possível, mesmo que esses sujeitos e vozes sejam ouvidos, construir uma história do passado que possa ser vista como “verdadeira”. De outro modo, conforme já afirmamos, entendemos que o que há são versões da história e da memória (KRÜMMEL, 2019a, 2019b; KRÜMMEL; PETRI, 2020) e, por isso, não há como estabilizar os sentidos para que uma história do/sobre o Holocausto seja concebida como verídica, conforme explicitaremos.

Diante disso e, a partir das epígrafes, significando junto ao nosso texto, nos perguntamos: que movimentos são esses, no tempo e espaço, que afetam o corpo, o sujeito e os sentidos? Que corpo é esse que sobrevive? Corpo que, estranhamente, também interpela o sujeito a narrar sobre as suas experiências diante do retorno do passado, sendo

² A Torre de Babel concerne uma das passagens bíblicas que metaforiza a origem das línguas e dos povos, relatada no Capítulo 11 de Gênesis. Retomamos essa alusão porque, em função da origem hebraica de “Babel”, advém os sentidos de “confusão”, do confundir. Mas, sobretudo, temos, por meio dessa narrativa, a possibilidade de relacioná-la com a memória, e daí a Torre de Babel da memória do Holocausto, que é (des)construída por muitos, edificada aos poucos, visando à plenitude de alcançar aquilo que não pode ser alcançado: os céus, a memória como se fosse plena e completa.

discursivizado no/pelo fio do discurso testemunhal, no presente que é sempre já passado? Corpo simbólico? Corpo que não é mais corpo, porque produz a ilusão de um sujeito que, histórica e ideologicamente, é designado como sobrevivente? O que podem essas palavras, esses testemunhos? O acontecimento separa o sujeito do seu passado, instaurando, no presente, a necessidade de tomada de posição e de identificação, como se fosse outro, condenado ao futuro que exige o significar no/pelo corpo, na/pela palavra? É a partir desses questionamentos que guiamos esta breve reflexão.

O corpo-testemunha e sua legitimidade no processo de construção de uma memória do/sobre o Holocausto

Halbwachs (1990, p. 25) assevera que “fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos permaneçam obscuras”. Sendo assim, ainda que tenhamos mais ou menos conhecimento em relação ao que foi o Holocausto, são os testemunhos que “fortalecem”, “debilitam” ou mesmo “completam” o que sabemos acerca disso. Então, é dessa forma que as testemunhas instauram o seu lugar de legitimidade, tanto para a construção de uma história do/sobre o Holocausto quanto para a construção de uma memória (possível) do/sobre o acontecimento.

Não obstante, o discurso que é institucionalizado pela história também está imbricado de sentidos que estão sujeitos à atualização, visto que o tempo e espaço são responsáveis pela movimentação e, muitas vezes, atualização dos sentidos, porque insurgem sobre o sujeito, que ocupa a posição de testemunha, afetando seu corpo e os sentidos. Isso posto, podemos afirmar que a memória construída do/sobre o Holocausto (das testemunhas, construída por elas) é, majoritariamente, para não falarmos completamente – porque não ocupamos essa posição de testemunha –, uma memória traumática.

À vista disso, devemos considerar, em primeira instância, que “a memória do trauma é sempre uma busca de compromisso entre o trabalho de memória individual e o outro construído pela sociedade”, fazendo parte de uma “complexa ‘política de memória’” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 65, grifo do autor). Há, para além da memória construída pelas testemunhas, uma memória coletiva, socialmente constituída.

Porém, para a testemunha, por meio dessa condição que requer um mergulho tortuoso ao passado, as formas pelas quais vai simbolizar os acontecimentos, o que há de significativo, o que retorna e é discursivizado, jamais poderá adquirir um caráter de completude acerca dos fatos (KRÜMMEL, 2019a). Por isso, entendemos que essa introjeção nunca é integral ou absoluta. Logo, ela é também uma versão (ORLANDI, 1996) da história e da memória.

De fato, “não há palavras sem corpo, nomes de nada ou de ninguém” (RANCIÈRE, 1994, p. 61). Quando o sujeito é designado, recebe e assume a designação³

³ Pensamos na designação de sobrevivente e mesmo na polissemia da palavra (KRÜMMEL, 2020) a partir de Guimarães (2005).

de sobrevivente, palavra e corpo conjuram-se. Significam juntos. Corpo sobrevivente. Sobrevivente no/pelo corpo. Corpo-testemunha. Testemunha na/pela palavra. Por esse motivo, quando falamos em corpo-testemunha, decorre a constatação de que sempre será única, significará o acontecimento de forma particular, mas, ao mesmo tempo, construirá com inúmeras outras testemunhas uma memória do/sobre o Holocausto.

Seu corpo é, pois, também testemunho, como já pudemos observar, propondo algumas análises a partir do documentário “Sobreviventes do Holocausto”⁴, ao considerarmos o testemunho de um sujeito velho/idoso⁵ e sua narração sobre a inscrição do número sob a pele, prática corriqueira nos campos de concentração (KRÜMMEL, 2019a), conforme segue:

Eles imprimiram o número no meu braço esquerdo. Nesse momento quando você... é marcado, sua dignidade... Sente-se tão indigno... Você se sente inútil nesse momento. Senti que não era mais ninguém. Porque nos disseram... que quando perguntassem nosso nome... o nome seria aquele número.

Entendemos, mais uma vez, a partir de Rancière (1994, p. 79), que “os testemunhos [...] permitem reconstruir uma rede de relações sociais e seu húmus sensível”. Em outras palavras, emerge um efeito de coletividade que se dá pela negação da possibilidade de identificação do sujeito com o que concerne o social, ou seja, em relação às formas de identificação – e de atuação –, socialmente instituídas.

Como vemos, diante do testemunho, há quase que o apagamento do sujeito que é afetado pelo efeito de indistinção, simbolizada pelo número, visto que há o apagamento da singularidade que um nome dá ao sujeito, pois lhe é negado o direito à individualização, não é nomeado. Isso explicita como está em funcionamento “o poder não apenas pela ideologia da palavra, mas pela ideologia carregada pela numeração, pela não-palavra” (KRÜMMEL, 2019a, p. 144).

Assim, para os sobreviventes, da mesma forma que a memória incorpora ou mesmo desprende determinadas lembranças, ao longo do tempo, o corpo, outrora marcado por traços visíveis ou invisíveis – a nós –, é também uma testemunha que permite auxiliar na construção de uma memória do/sobre o acontecimento. Enquanto houver corpo, a numeração denunciará o passado, inscrito e significando no/pelo número.

O corpo-testemunha, então, após o acontecimento, depreende um sujeito que é sempre sobrevivente, mesmo que, com o passar dos anos, naturalmente padeça. Mesmo a morte não esbarra a designação de sobrevivente. “Um corpo sobrevivente que pela discursivização na/pela língua e no/pelo corpo coloca em evidência que a significação de sobrevivente não está colada somente às palavras, pois os sentidos podem estar presos ao corpo de quem sobrevive” (KRÜMMEL, 2020, p. 156). É, afinal, por meio do

⁴ Conforme afirmamos, “o documentário é resultado, em parte, de uma gama de testemunhos ouvidos por Steven Spielberg enquanto estava filmando ‘A Lista de Schindler’, quando teve contato com centenas de dramáticos relatos de sobreviventes do Holocausto. A partir dessa produção, surgiu a ideia de serem registradas e catalogadas as histórias para que pudessem ser acessadas e aproveitadas pelas gerações futuras. (...) ‘Sobreviventes do Holocausto’ reúne alguns dos testemunhos já gravados, fotos e imagens de objetos pessoais e filmes de arquivo, tudo para mostrar como era a vida antes e durante a Segunda Guerra Mundial e como foi começar depois da liberação” (KRÜMMEL, 2019a, p. 42, grifos do autor).

⁵ Conforme designação proposta (KRÜMMEL, 2019a).

funcionamento da ideologia e história que essa designação significa. Pós-acontecimento, pós-morte, ainda será um sobrevivente, como aquele que imortaliza no corpo e na memória os rastros de lembranças das experiências vividas: *eles são... eles foram... sobreviventes do Holocausto*.

O corpo que lhe pertence – e que é estranhamente pertencido ao sujeito, como se fosse um direito adquirido, porque sobreviveu mesmo em meio às constantes ameaças à vida –, nas marcas visíveis ou invisíveis (que perturbam a memória), interpelam o sujeito para que essa narração ocorra. As lembranças, em seu funcionamento, por meio da narração do sobrevivente, vêm “envenenar sua vida após a libertação do campo” (ROBIN, 2016, p. 248), porque o sobrevivente, na posição de testemunha, não consegue se desfazer do sentimento de, além de ter sobrevivido, lidar com as contradições impostas: a sobrevivência em detrimento do outro.

Torna-se um corpo errante, ilusoriamente sem paragem, porque encontra-se deslocado, assim como também está o discurso do sujeito. A partir de Lacan (2005), podemos dizer que na “luta” pela sobrevivência, o sujeito se desdobra em sua interioridade/exterioridade, o que é sempre indício de uma falta, mas que é pela mesma falta, constitutiva de sua identificação, que lhe é posto o desejo como necessidade de preenchimento dos “furos”.

A falta é, ao mesmo tempo, causa do desejo e percurso para que o objeto desse desejo (a sobrevivência) seja possível, recaindo sobre um sujeito sempre faltoso, desejante. É no jogo da relação entre *o que é* e *o que poderia ser* que o sujeito se constitui duplamente: como efeito de linguagem (pelo desejo e pela falta, constitutivos de sua condição, mas também pelo caráter heterogêneo e faltoso da linguagem), e como assujeitado (no funcionamento da ideologia, pelo trabalho do inconsciente).

É, sobretudo, pela dor da sobrevivência, que esse corpo-testemunha foi silenciado e mesmo decidiu silenciar-se por muito tempo. “Você tem vergonha porque está vivo no lugar de um outro? E, particularmente, de um homem mais generoso, mas sensível, mas sábio, mais útil, mais digno de viver?” (LEVI, 2004, p. 70). São esses os questionamentos, conforme nos aponta Primo Levi, que perpassam, por longos anos, os sobreviventes. Justamente, acerca disso, ele afirma que os sobreviventes não são as testemunhas autênticas do acontecimento, porque elas morreram.

Por isso, dizemos corpo-testemunha: é pelos efeitos de sentidos, pela significação, pela simbolização do corpo como a testemunha, que há uma obrigação moral em discursivizar pelos que não puderam fazê-lo. Mesmo os silenciados por imposição ou escolha, significam. Mesmo os mortos, significam. Todos eles auxiliam, em alguma instância, no processo de construção de uma memória do/sobre o Holocausto.

A palavra testemunhal e(m) seus embates: o testemunho enquanto legitimador da história e memória

Entendemos que o testemunho pode ser compreendido como uma forma de simbolização do passado, uma representação que demanda considerar, assim como propõe Robin (2016, p. 238): “O que é representar? E, antes de tudo, a quem dar a palavra? Quem são as testemunhas?”. Mais especificamente, podemos destacar que quando há o

testemunho, ou seja, quando o sobrevivente narra sobre o acontecimento, “ele adenda [...] ao fluxo dos demais fatos da vida”, de maneira que aquilo que é simbolizado adquire tridimensionalidade e tudo, em sua narrativa, “trabalha no sentido de dar esta nova dimensão aos fatos antes passados” e, assim, quando conquista essa “nova dimensão”, ele consegue sair da posição que ocupa, de sobrevivente, “para voltar à vida” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 69).

Essas narrativas, conforme aponta Robin (2016, p. 246-247), são repletas de espasmos, de incongruências, que poderiam corresponder aos espaços de “verdade”. Afinal, as temporalidades, nesse caso, estão em embate. O testemunho, então, constitui-se, concomitantemente, de ausências, faltas, buracos, e a testemunha “vai resistir, hesitar, dizer frases sem sintaxe, voltar sobre suas formulações” (Ibidem, p. 250). Não obstante, ao produzir sentidos, a testemunha também debilita a história que, conforme afirma Veyne (1998), seleciona, simplifica, organiza as narrativas de acontecimentos passados. Por isso, história e memória estão sempre postas em relação e isso não anula a complexidade de narração sobre os fatos do passado.

Nesse processo, que é também de construção do discurso do/sobre o acontecimento, entendemos, juntamente com Venturini (2014), que há uma forma de organização em que o discurso *sobre* o Holocausto é constituído pelo discurso *de* testemunhas. É, pois, o discurso *de* testemunhas que retorna, no eixo da formulação e, dessa forma, funciona como objeto, ao passo que o discurso *sobre* funciona como uma forma de atualidade, justamente através do eixo horizontal (intradiscurso). Nessas relações, “as visibilidades, os silêncios e os apagamentos no discurso *sobre*” (Ibidem, p. 69, grifo da autora), incidem nos dizeres das testemunhas que enunciam os fatos vividos. Sendo assim, é, prioritariamente, o testemunho que legitima a história e a memória dos sobreviventes.

O corpo-testemunha, por sua vez, mediante o registro de sua voz, instaura o seu lugar de importância no processo de construção de uma memória do/sobre o Holocausto. No entanto, ainda que isso seja possível, essas narrativas atestam, concomitantemente, para o fato da incompletude constitutiva do testemunho, visto que há muita distância entre o passado e o presente, e isso implica em como as experiências, diante dos horrores, será transmitida.

Além disso, a narratividade vai depreender efeitos de sentidos que podem ser sempre outros... sentidos que não são estanques. Diríamos, juntamente como Seligmann-Silva (2008, p. 73-74), que “o testemunho é uma modalidade da memória”. É, pois, o testemunho que garante a abertura para essa modalidade de memória, “que é outra, aquela do horror, do trauma. Aquela que, quando evocada, machuca. Como se os eventos passados pudessem massacrar o sujeito por meio de suas próprias palavras, em suas narrativas” (KRÜMMEL, 2019a, p. 88).

Nesse processo de (des)construção no/pelo (dis)curso do/sobre o acontecimento, há uma “negociação” entre o “acontecimento histórico singular” e o “dispositivo complexo de uma memória”, nas suas tensões (PÊCHEUX, 1999), sendo todo testemunho “único e insubstituível” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 72). Narrativas intrinsecamente individuais e coletivas (KRÜMMEL; PETRI, 2020). Robin (2016) e Levi (2004) alertam que é preciso legitimar esse espaço da testemunha. Nessa introjção, aqueles que ocupam essa posição sempre apresentam uma versão (é preciso reforçar!) e, por isso, devemos tomá-los lembrando que “a imaginação é chamada como arma que deve ir ao auxílio do simbólico para enfrentar o buraco negro do real do trauma” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 72).

Para ilustrarmos isso, recorremos ao que afirma Levi (2004), sobre o momento de libertação dos campos de concentração:

Na maior parte dos casos, a hora da libertação não foi nem alegre nem despreocupada: soava em geral, num contexto trágico de destruição, massacre e sofrimento. Naquele momento, quando voltávamos a nos sentir homens, ou seja, responsáveis, retornavam as angústias dos homens: a angústia da família dispersa ou perdida; da dor universal ao redor; do próprio cansaço, que parecia definitivo, não mais remediável; da vida a ser recomeçada em meio às ruínas, muitas vezes só (LEVI, 2004, p. 61).

Em seu testemunho, observamos como Levi (2004), que também ocupa a posição de testemunha, enquanto sobrevivente do Holocausto, significa o momento de libertação dos campos de concentração: narra sobre o sentimento de angústia, dor e solidão. Para explicitarmos como há inúmeras versões (ainda que tomemos apenas duas), como um mesmo acontecimento é narrado de diferentes maneiras, apontando outros efeitos de sentido, trazemos um dos testemunhos, no qual focalizamos nossas reflexões (KRÜMMEL, 2019a, p. 191-202), ao considerarmos o documentário “Sobreviventes do Holocausto”:

Os alemães nos pediram para cavar nossas sepulturas. E nos disseram: “judeus sujos... vocês não escaparão. Vamos matá-los antes de partirmos”. Então cavamos nossas sepulturas... e todos os dias desconhecíamos... qual seria o nosso... último dia. Um dia fomos dormir... e na manhã seguinte nos levantamos... sem haver a chamada para acordar. Saímos e não havia... alemães por perto. O dia estava bonito. Percebemos que os guardas... haviam ido embora e os portões estavam trancados... e eram eletrificados. Então começamos a cavar... uma passagem por baixo do portão. E como... eu era a mais jovem, saí primeiro... e foi... um lindo dia. Pássaros... cantavam e as flores se abriam. Andar sozinha e... não ter que andar em fila... era uma sensação gloriosa.

Como vemos, a testemunha (o sujeito velho/idoso) discursiviza sobre as condições de produção da libertação dos campos, e, principalmente, acerca de como isso significa(va) e produzi(a) sentidos – no passado e no presente. Dessarte, essa voz do sobrevivente não vai ecoar somente no presente, legitimando seu lugar de importância para a história e memória do/sobre o Holocausto, rompendo com o que foi por muito tempo negado: “esta é uma voz que ecoa ao passado, transportando sentidos na/pela memória que funciona de forma que a metáfora instaure um lugar específico que é do sujeito que rompe com a dominação” (KRÜMMEL, 2019a, p. 203), ao explicitar que “era uma sensação gloriosa”. Então, como dissemos, considerando o que afirma Levi (2004), sobre a dor diante da sobrevivência, neste caso, ainda que específica e individualmente, como funciona qualquer outro testemunho, o que o sujeito velho/idoso vive e significa é a liberdade, na passagem do risco iminente de morte para a sobrevivência.

Impõem-se, por isso, um paradoxo: esses sujeitos são os únicos que podem contar sobre os horrores vividos no Holocausto, eles são os porta-vozes e, mesmo assim, seu testemunho nunca passará de mais uma versão possível, assim como assinala Robin (2016). Essa narração, que “se realiza a partir de lembranças, de vivências” (VENTURINI, 2009, p. 80), constituindo o que é o testemunho, é, inevitavelmente, sempre construída por ausências, faltas, buracos (ROBIN, 2016). No entanto, aos sobreviventes, testemunhar

sobre as suas experiências é primordial, ainda que doloroso. Para Levi (2004, p. 172), enquanto testemunha, mais do que auxiliar na construção da memória do/sobre o acontecimento, é primordial alertar: “aconteceu, logo pode acontecer de novo: este é o ponto principal de tudo quanto temos a dizer”.

Definitivamente, a palavra “pode ferir e pode curar” (PETRI, 2020, p. 37). Isso está intrinsecamente relacionado com os sentidos das palavras sobre o sujeito que discursiviza o acontecimento, pelo funcionamento da ideologia e como há o direcionamento dos sentidos. Em outro momento (KRÜMMEL; PETRI, 2020), nos dedicamos às reflexões acerca da Exposição Itinerante “Entre Aspas”⁶, organizada pelo Museu do Holocausto de Curitiba – PR, em parceria com a Universidade Federal de Santa Maria, na Sala de Exposições Nelson Ellwanger, na UFSM – Silveira Martins. “Entre Aspas” reúne quarenta testemunhos de sobreviventes do Holocausto e, a partir de nossas discussões, observamos como, nos testemunhos dos sobreviventes que imigraram para o Brasil, há a necessidade de falar sobre o que aconteceu para que isso nunca mais se repita. Os sobreviventes explicitam, na maioria dos testemunhos, que são os responsáveis por alertar sobre os perigos de retorno de um passado que espreita o presente.

Com isso, vemos como o acontecimento separa o sujeito de seu passado, instaurando no presente – que já é sempre passado –, quando houve a libertação, uma tomada de posição e de identificação do sujeito, do corpo-testemunha, como se fosse outro, condenado a tornar-se o porta-voz do futuro, cujo passado, insistentemente, atravessa e significa no/pelo corpo, na/pela palavra, no funcionamento da “subjetividade e a sua relação com a memória por meio da discursivização do lembrar” (PETRI; SCHERER, 2016, p. 21). Dizemos que o sobrevivente é um porta-voz porque, ancorados em Pêcheux (1990, p. 17), entendemos que ele é tanto o ator visível quanto a testemunha ocular desse acontecimento, de maneira que fale sempre em nome de todos os outros sobreviventes, apontando para o gesto de coragem que há nessas vozes (KRÜMMEL; PETRI, 2020).

Assim, por meio dos testemunhos, “a memória e o esquecimento se ajeitam nas versões que são um modo de se poder conviver com as muitas maneiras como o sujeito se diz naquilo que ele conta, e que o conta” (ORLANDI, 2017, p. 329). Indubitavelmente, ao mesmo tempo em que o testemunho legitima a história e a memória do sobrevivente, nessas narratividades são tecidos sentidos que vão muito além de nossa compreensão, porque não ocupamos essa posição de sobrevivente. Ademais, para nós, analistas de discurso, “os sentidos [...] erram no duplo sentido, porque não representam modelarmente e porque se movimentam, circulam. Em uma palavra: desorganizam” (ORLANDI, 2008, p. 26).

⁶ A exemplo das demais Exposições Itinerantes/Temporárias que são organizadas pelo Museu do Holocausto de Curitiba – PR, “Entre Aspas” possui o objetivo de, por meio das diretrizes conceituais e curatoriais próprias da instituição, narrar o Holocausto, ao prezar por histórias de vida e superação. Dessa forma, faz com que a memória da Shoá não seja apenas uma narração despersonalizada, mas consista na reunião de diversas histórias individuais, cada uma com seu nome e sobrenome.

Sentidos (as)simétricos e seus efeitos no processo de construção de uma memória do/sobre o Holocausto

Sentidos simétricos que têm, paradoxalmente, em sua formulação e circulação, a assimetria como princípio de significância. Da simetria entre o corpo e a palavra, reside a desigualdade própria do que permanece sendo... o corpo... e o que insiste em ser outros... a palavra... Outros sentidos, outra significação, outra possibilidade. Corpo deslocado, corpo marcado, palavras deslocadas, palavras marcadas... pela história, pela memória, pela lembrança, pelo esquecimento. São as lembranças que, “através dos tempos, podem estabilizar a memória sobre determinado fato ou acontecimento” (KRÜMMEL, 2019a, p. 91), e, com isso, a história é condenada à instabilidade.

Isso pode ser perturbador para o analista de discurso que procura compreender como se constrói a história e a memória do/sobre o Holocausto, por meio dos testemunhos de sobreviventes? Sim. No entanto, lidamos sempre com gestos de leitura e de interpretação que instauram caminhos de significação no/pelo discurso, como nos ensinou Orlandi (2009).

Para compreendermos como os testemunhos dos sobreviventes constroem uma memória do/sobre o acontecimento, consideremos que, assim como postularam Petri e Scherer (2016, p. 23), “a memória é esburacada na sua constituição” e, assim, esses buracos são “preenchidos por um dizer que não se institucionaliza no discurso a não ser pelas ficções que vamos encadeando para dar sentido ao que ouvimos e compreendemos”.

Entendemos, por isso, que os sentidos são (re)tecidos no fio do discurso testemunhal, no momento em que o sobrevivente narra sobre o passado, explicitando as suas experiências antes/durante/após o acontecimento. Destarte, o sujeito que sobrevive, o corpo-testemunha que, pela voz, instaura seu lugar de legitimidade e importância, via testemunho, deve ser tomado na sua relação com a memória, visto que sua constituição ocorre, concomitantemente, na língua e na história, sendo afetado pela memória discursiva que, por sua vez, depreende “a condição do legível em relação ao próprio legível” (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Se o sobrevivente, enquanto porta-voz, fala por tantos outros que não puderam fazê-lo, há nesse processo uma voz sem nome que sempre retorna e, em seu discurso, ela é irrepresentável, porque há a “ilusão do sujeito como origem” (ORLANDI, 2017, p. 17). Por conseguinte, se consideramos o interdiscurso no funcionamento da memória discursiva, todos os enunciados, mesmo os esquecidos, constituem sua memória do dizer e, então, é o testemunho que vai desestabilizar a história, institucionalizada ou não, colocando-a em tensão constante com a memória, porque essas retomadas, quando o sobrevivente narra sobre suas experiências, “podem sempre significar diferente” (PETRI; SCHERER, 2016, p. 25).

Se tomamos o que Robin (2016) assevera sobre a necessidade de considerar as relações entre o passado, o presente e o futuro, podemos afirmar que as histórias narradas estão repletas de memórias que contêm os rastros de significância que foram deixados ao longo do caminho e que são recolhidos para que, juntos, possam significar e explicitar, pelo fio do discurso testemunhal, a experiência diante/mediante/posterior o/ao Holocausto.

Não obstante, no processo de construção dessa memória do/sobre o Holocausto, quando partimos do discurso em sua materialidade, ancorados nas reflexões de Venturini

(2009, p. 40), vemos como ele funciona como “lugar de memória”, como um dispositivo que é capaz de organizar a repetição e as lembranças do passado que é protagonizado pelo sobrevivente, narrado por meio de experiências particulares.

Destarte, enquanto esse “lugar de memória”, “o discurso *sobre* organiza também os esquecimentos, o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido, apagado. É nesse jogo contraditório entre a língua e a história que se realiza o encontro de uma memória e uma atualidade, constituindo o esquecimento” (Ibidem, grifo da autora).

O discurso testemunhal é, portanto, a base para a construção de uma memória do/sobre o Holocausto. Os sobreviventes são atravessados – e significados – pelo passado “não como um tempo estagnado e finito, mas relacionado a sujeitos que, além de assujeitados à ideologia, são também atravessados pelo inconsciente” (VENTURINI, 2009, p. 35). A mesma autora ainda destaca o discurso de rememoração, que tomamos para compreendermos seu funcionamento “como memória do saber, como interdiscurso pelo funcionamento do pré-construído”.

À vista disso, a rememoração, como um espaço discursivo, está constituída pelo interdiscurso – pela memória discursiva –, que sempre retorna ao instaurar sentidos que, no entanto, podem ser sempre outros. Sublinhamos, a partir dessa compreensão, que “pela rememoração pode ocorrer uma reatualização dos sentidos, até mesmo um retorno, como se os sentidos viessem à tona, da mesma forma como as vítimas do Holocausto, com os ‘lugares de memória’ que eles estabelecem” (KRÜMMEL, 2019a, p. 96, grifo do autor).

Há que se destacar, os sentidos são, na sua relação com o corpo-testemunha, (as)simétricos. É justamente a rememoração a responsável por isso, ao estruturar-se pelas dimensões vertical, pela seleção, – “aquilo que fala antes”, ou seja, o interdiscurso que é da ordem do já-dito, constituindo o processo parafrástico pelas redes de formulações que são instauradas – e horizontal, das relações, pela linearização dos dizeres, – quando intervém os discursos na rede das formulações que retornam, ressignificam, evidenciam o processo que é polissêmico e, ao mesmo tempo, de repetição, via paráfrase (VENTURINI, 2009). Nos testemunhos, então, o passado está sempre posto em relação ao presente, conjurados, produzindo sentidos.

Atentando para os sentidos (as)simétricos que funcionam no processo de construção de uma memória do/sobre o Holocausto, entendemos, à vista do que propõe Venturini (2009, p. 31), que “no fio do discurso, quando da materialização do dizer, não há como separar o que é memória do que não é”. Além disso, “[...] não se pode tomar como literal e homogêneo o relato de memórias vividas. Elas são construídas, reinventadas pela rememoração (lembranças e recordações)” (Ibidem, p. 69). Em função disso, precisamos ressaltar que observamos como funciona o discurso *sobre* o Holocausto, por meio do discurso *de* testemunha. Pelo discurso testemunhal, ou seja, pela materialização do dizer da testemunha do Holocausto, a memória aponta para o funcionamento de inúmeras possibilidades de significação, de produção de sentidos.

Aparentemente, a memória estabiliza os dizeres acerca da experiência vivida. Contudo, as lembranças vêm perturbar as tentativas de regularização, desestabilizando-as constantemente, construindo e reconstruindo uma narrativa na qual aquilo que significa no/para o sujeito, na posição de testemunha, nunca é narrado da mesma forma, pois a construção do discurso do/sobre o Holocausto é crivada de versões sobre os fatos: cada

um dos sobreviventes narra de maneira particular, em seu testemunho, o (seu) passado que é atrelado às memórias daqueles que sobreviveram ou que morreram.

Trata-se, conforme assevera Robin (2016, 247), da influência das lembranças traumáticas, pois é o trauma que estabiliza as lembranças e que “[...] vai autorizar todos os tipos de distorções do episódio recalcado, e as lendas, que não puderam se inscrever na memória oficial, vão, doravante, poder se misturar com outras histórias, meio reais, meio imaginárias”, de maneira que se considere: “a palavra das testemunhas é móvel”. Os sentidos são (as)simétricos e acessamos, por meio dessas narrativas, “um lugar de invasão, da estranheza, do confronto” (KRÜMMEL, 2019a, p. 101), no qual o corpo-testemunha, ao discursivizar sobre o acontecimento, não escapa do embate de lembranças e do esquecimento, movimentando seu discurso e os efeitos de sentido.

Da Torre de Babel da memória do Holocausto: um processo em (des)construção pelo (dis)curso

“[...] jogo nos problemas da memória, de sua história, de seus trajetos, de suas transformações-deformações” (ROBIN, 2016, p. 37).

A Torre de Babel da memória do Holocausto é uma metáfora que propomos, como explicitamos anteriormente, para compreendermos que, mesmo sendo possível, a construção dessa memória do/sobre o acontecimento não poderá ser considerada como “completa” ou “verdadeira”. As lembranças, nessa alusão, funcionam como peças materiais, como tijolos, construídos por uns, desconstruídos ou mesmo substituídos, na edificação, por outros.

Os construtores não param! Enquanto houver sobreviventes e seus descendentes, em um movimento no qual “os efeitos do movimento pendular nas ‘relações de sentido’, enquanto vaivém entre discursos que promove a agregação e o desprendimento de sentidos, reiterando e transformando, via movimento” (PETRI, 2013, p. 37, grifo da autora), sempre que discursivizarem esse acontecimento e suas vivências, eles auxiliam a compreendermos como, ainda que os embates sejam constantes, a testemunha, ou, como dissemos, o corpo-testemunha, carrega em si e no seu dizer as marcas dos “tempos desjuntados”⁷, atravessando diretamente o testemunho.

São as testemunhas que corroboram para a tentativa de construção de algo que não está – e que nunca estará – finalizado, pois, como reitera Levi (2004), as “verdadeiras” testemunhas dos horrores padeceram, mas são lembradas pelos sobreviventes que falam por elas para que não sejam esquecidas juntamente com o acontecimento. Conforme já atestamos (KRÜMMEL, 2019a), todos os testemunhos – tanto quanto puderem ser ouvidos, registrados, expostos, estudados, etc. –, constroem redes de sentidos que, para nós, analistas de discurso, proporcionam um direcionamento de olhar para o funcionamento dessa memória e também da história, em suas constantes tensões, porque essas versões apontam, inclusive, para um imaginário acerca do acontecimento: o sujeito

⁷ Pensamos sobre os “tempos desjuntados” a partir de Scherer e Taschetto (2005).

sobrevivente, na posição de testemunha, por meio do seu discurso testemunhal (o testemunho), produz um “efeito de memória” (COURTINE, 1999).

É, pois, em função disso, que dizemos que há um processo de (des)construção pelo (dis)curso do/sobre o acontecimento. Retomamos, para explorarmos mais um pouco essa nossa compreensão, as palavras de Orlandi (2016), quando a autora discorre sobre o provérbio “Quem conta um conto aumenta um ponto”. É necessário destacarmos que apresentamos algumas reflexões sobre isso em outro momento (KRÜMMEL, 2019a) e, aqui, retomando-as, avançamos em nossas proposições, atentando para esse processo sempre inacabado de construção de uma memória do/sobre o acontecimento. Para a autora, quando ouvimos o provérbio, “logo pensamos que as pessoas são fiéis ao dito, no caso, tratando-se de provérbio, memorial” (Ibidem, p. 23). De fato, há um imaginário social envolvido nesse provérbio que demanda uma objetividade do dizer, estabilizada: “um conto deve permanecer como é... mas não permanece, porque as pessoas ‘aumentam’” (Ibidem, grifo da autora).

Pensamos nesses “pontos” como amarrações no discurso testemunhal de sobreviventes do Holocausto, cuja narratividade não é imóvel, nem completa, mas é instável e, por isso, não exata, ainda como destaca Orlandi (2016). No entanto, para além dessa constatação, propusemos considerar também uma importante afirmação de Robin (2016, p. 40), segundo a qual “o presente não é um tempo homogêneo, mas uma estridente articulação de temporalidades diferentes, heterogêneas, polirrítmicas”. Outrossim, seguindo as proposições de Robin (2016, p. 85), “um acontecimento pode se produzir sem testemunha, sem resto, sem ruína, sem nada que possa revelar que houve um acontecimento”.

Recuperando isso, ressaltamos as implicações da memória, a não exatidão do que é contado ou, como preferimos, narrado, o que reforça que temos sempre versões. No entanto, mais do que isso, queremos, na interlocução do que nos dizem Orlandi (2016) e Robin (2016), ir mais além do que esta primeira: da mesma forma que “Quem conta um conto aumenta um ponto”, no fio do discurso testemunhal, “Quem conta um conto diminui um ponto” (ou mesmo, “Quem conta um conto nega⁸ um ponto”) (KRÜMMEL, 2019a, p. 46).

Pela metáfora da Torre de Babel da memória do Holocausto queremos, então, sublinhar que há inúmeras versões acerca do acontecimento. De fato, essas versões do discurso testemunhal apontam para as experiências coletivas dos sobreviventes que, no entanto, são narradas de diferentes (e singulares) maneiras.

Nessa edificação, a materialidade da construção e, nesse caso, o discurso testemunhal, é o que garante a sustentação necessária para que outros possam continuar engendrando os “pontos”, crescendo-os, diminuindo-os, substituindo-os. Em outras palavras, “as formas discursivas textualizam-se pela não coincidência com o dito, por serem formulações que circulam, ou melhor, cujo funcionamento discursivo mais relevante está em sua circulação” (ORLANDI, 2016, p. 24): para aqueles que observam o que foi arquitetado e produzem um gesto de interpretação.

⁸ Lembremo-nos do negacionismo do Holocausto, reforçado historicamente, por um longo tempo, ao mencionarmos, por exemplo, a negação da existência das câmaras de gás nos campos de concentração.

(Apenas) Um efeito de fechamento: há simetria possível entre o corpo e a palavra dos sobreviventes do Holocausto?

Sim. Não. Corpo-testemunha. Palavra-testemunho. Estão conjurados, ainda que depreendam efeitos de sentidos que podem ser sempre outros. Reside sobre essa (as)simetria entre o corpo e a palavra, entre a testemunha e o testemunho, as marcas de lembranças acerca das experiências vividas. Seguimos nos perguntando: “O que pode uma palavra?” (PETRI, 2020, p.37).

Nesse caso, ela vai ferir ao mesmo tempo em que, de certa forma, vai curar o sobrevivente. Cura possível? Não. Cura do esquecimento – da testemunha e do testemunho. Memória-antídoto. E os “tempos desjuntados” vão se acumulando, construindo uma narratividade nem sempre aceita, posto que colocam em cena corpos e palavras que testemunham, que perturbam a ordem, que propõem outras versões.

Nesta breve reflexão, pudemos compreender como, por meio dos testemunhos, os sobreviventes, enquanto testemunhas, nessa posição que ocupam, constroem uma memória (possível) do/sobre o Holocausto. O passado, que incide no presente, nessa discursivização, movimenta o ressoar de tantas outras vozes, instaurando o(s) seu(s) lugar(es) de legitimidade na história, ao evocar(em) sua(s) memória(s). Pelo viés da Análise de Discurso, podemos dizer que o corpo-testemunha, que se torna errante, que (i)migra para inúmeros lugares, em todo o mundo, carrega consigo as lembranças do passado.

A testemunha – pelo corpo e palavra – circula em outros espaços e temporalidades, significando diferentemente na atualidade, fazendo movimentar a memória, no deslize dos sentidos. Situando o corpo do sujeito como parte de sua materialidade, abre-se espaço para a atuação da ideologia como seu elemento constitutivo, marcando e definindo sua inscrição na posição-sujeito de testemunha do Holocausto, por meio da designação, atemporalmente imposta, como *sobrevivente do Holocausto*.

Referências

COURTINE, Jean-Jacques. O chapéu de Clémentis: observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (orgs.) **Os múltiplos territórios da análise de discurso**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, p. 15-22, 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. 2ª ed. São Paulo: Edições Vértice – Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

KRÜMMEL, Elivélton A. **Entre a história e a memória**: uma análise discursiva do documentário “Sobreviventes do Holocausto”. 2019. 247 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2019a.

KRÜMMEL, Elivélton A. Os testemunhos do sujeito velho/idoso: uma (possível) construção da memória e história do Holocausto. **Interfaces**, v. 10, n. 4, p. 251-262, 2019b.

KRÜMMEL, Elivélton A. Laços significantes: a polissemia de “sobrevivente” no entremeio da história e da memória. In: PETRI, Verli; GUASSO, Kelly; COSTA, Thaís; FREITAS, Francine de. (Org.). **Dicionários em análise:** palavra, língua e discurso. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 151-175, 2020.

KRÜMMEL, Elivélton A.; PETRI, Verli. “Entre Aspas”: dos gritos... das gotas d’água... navegando por um percurso memorial. In: VENTURINI, Maria C.; RASIA, Gesualda dos S. (Org.). **Museus, Arquivos e Discursos:** funcionamentos e efeitos da Língua, da Memória e da História. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 37-61, 2020.

LACAN, Jean-Jacques. **O simbólico, o imaginário e o real.** Em nomes do pai. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes** – Os delitos, os castigos, as penas, as impunidades. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. São Paulo: Paz & Terra, 2004.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Interpretação:** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Discurso e texto:** formulação e circulação de sentidos. Campinas: Pontes, 2008.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Era uma vez corpos e lendas: versões, transformações, memória. In: ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. (org.). **Instituição, relatos e lendas:** narratividade e individualização dos sujeitos. 1. Ed., Campinas: RG Editores, 2016.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Eu, tu, ele:** discurso e real da história. Campinas: Pontes Editores, 2017.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. Tradução de José Horta Nunes. **Cadernos de estudos linguísticos**, n. 19, p. 7-24, 1990.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. (orgs.). **O papel da memória.** Tradução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, p. 49-56, 1999.

PETRI, Verli. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da Análise de Discurso. In: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane. **Análise do discurso em perspectiva:** teoria, método e análise. Santa Maria: Editora da UFSM, p. 39-48, 2013.

PETRI, Verli. SCHERER, Amanda E. Memória e subjetividade: de um tempo para lembrar. **Revista Desenredo**, v. 12, n. 1, p. 21-29, 2016.

PETRI, Verli. O que pode uma palavra? Reflexões sobre a história da palavra dicionarizada produzindo efeitos de sentido na contemporaneidade. In: PETRI, Verli; GUASSO, Kelly; COSTA, Thaís; FREITAS, Francine de. (orgs.). **Dicionários em análise:** palavra, língua e discurso. Campinas: Pontes Editores, p. 37-62, 2020.

ROBIN, Régine. **A memória saturada.** Tradução de Cristiane Dias e Greciely Costa. Rio de Janeiro: Editora Unicamp, 2016.

SCHERER, Amanda E.; TASCETTO, Tânia R. O papel da memória ou a memória do papel de Pêcheux para os estudos linguístico-discursivos. **Estudos da língua(gem)**. Vitória da Conquista, n. 1, p. 119-123, 2005.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psic. Clin.**, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05.pdf>. Acesso em: 23 out. 2020.

VENTURINI, Maria C. **Imaginário urbano**: espaço de rememoração/comemoração. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2009.

VENTURINI, Maria C. Mídia, ruído e silêncio tumular na constituição contraditória da memória em curso/discurso. In: TASSO, Ismara; SILVA, Érica (Orgs.). **Lingua(gens) em discursos**: a formação de objetos. Campinas Pontes Editora, p. 119-136, 2014.

VEYNE, Paul M. **Como se escreve a história**: Foucault revoluciona a história. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4. Ed., Brasília: Editora Universidade de Brasília (UnB), 1998.